

18 DEZ 2004

O GLOBO

ECONOMIA

Espetáculo de confiança

Risco-Brasil cai 1,5%, para 394 pontos, o menor patamar desde outubro de 1997

Editoria de Arte

Patricia Eloy

A confiança dos investidores estrangeiros na economia brasileira atingiu ontem um dos mais elevados patamares da história. O chamado risco-Brasil, que serve como termômetro da avaliação dos aplicadores globais em relação à capacidade do país honrar suas dívidas, caiu 1,5% ontem, marcando 394 pontos centesimais. É a primeira vez desde 1997 que o indicador termina o dia abaixo dos 400 pontos. O patamar de ontem é o mais baixo desde o dia 23 de outubro de 1997 (374 pontos) e está próximo da mínima histórica de 337 pontos, registrada em 22 de outubro daquele ano. Quanto menor o indicador, maior é a confiança dos investidores e sua disposição em comprar papéis da dívida brasileira.

Em 2002, essa taxa atingiu um recorde de 2.436 pontos, reflexo da forte especulação com as eleições presidenciais. A queda registrada pelo risco em pouco mais de dois anos fez com que o país recuasse três posições na escala que mostra as economias mais arriscadas do planeta. Hoje, o Brasil figura no sexto lugar, atrás de Argentina (resultado da moratória decretada em 2001), Equador, Nigéria, Filipinas e Venezuela.

O receituário do risco mais baixo combina uma ampla liquidez no mercado internacional, a forte melhora nos indicadores macroeconômicos brasileiros e as baixas taxas pagas pelos títulos do Tesouro dos Estados Unidos, que aumentam a atratividade dos papéis de economias emergentes como o Brasil. Segundo economistas, o cenário atual é tão favorável que pode empurrar a taxa de risco para níveis cada vez mais próximos das mínimas históricas.

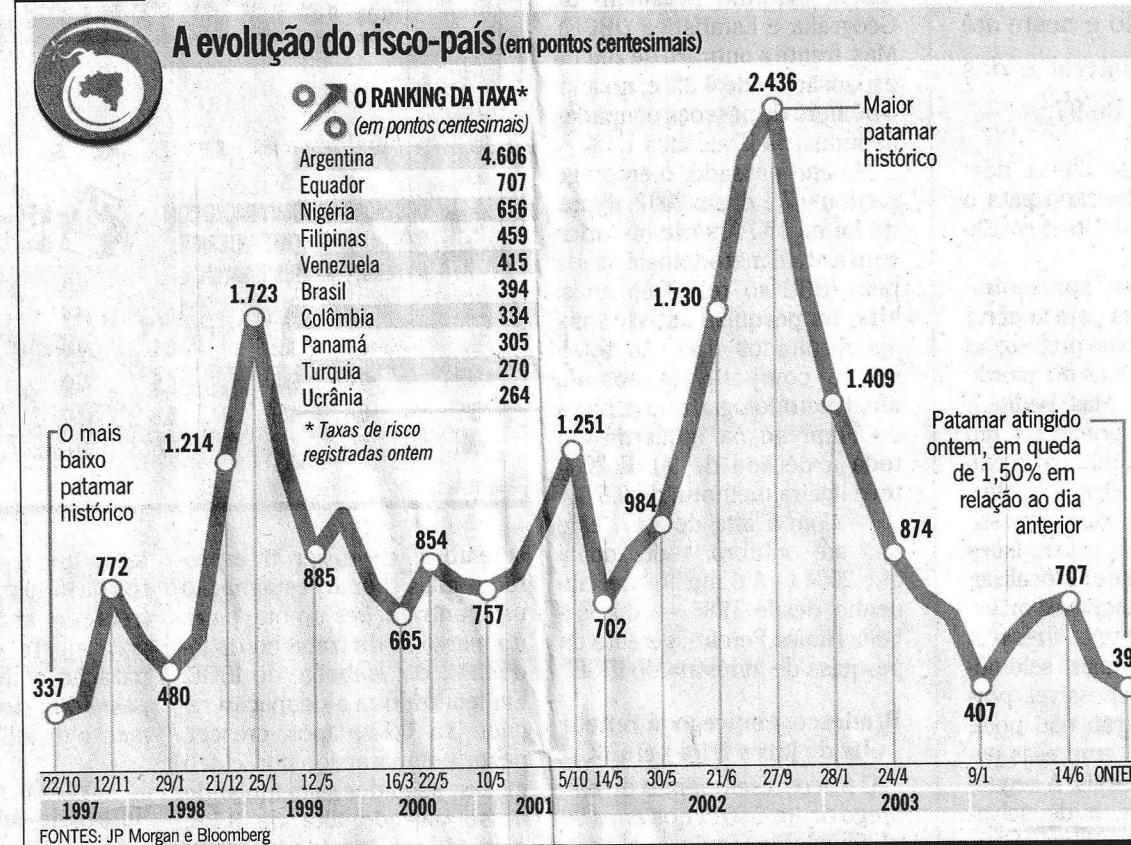
Título da dívida atinge recorde durante o dia

- O economista-chefe do HSBC, Alexandre Bassoli, ressalta a forte guinada na história recente da economia brasileira, marcada por saldos comerciais crescentes, melhora no perfil do endividamento público e um elevado comprometimento fiscal. Para ele, a presença de todos estes elementos ao mesmo tempo só fortalece a economia brasileira aos olhos dos investidores estrangeiros.

— Se olharmos para trás, veremos que, em 1999, a dívida externa era quatro vezes maior do que as exportações. Hoje, essa relação é de uma vez e meia, um dado que melhora muito a capacidade de pagamento do país, que é o que mostra, essencialmente, o nível de risco. Infelizmente, discussões mais abrangentes sobre a economia e os indicadores sociais, por exemplo, ficam de fora — diz Bassoli.

Por isso, o Brasil perde na escala de risco para economias como a Colômbia (334 pontos) — que tem pior distribuição de renda na comparação com o Brasil e é vítima da ação de guerrilheiros — ou a Rússia (217 pontos) — que declarou moratória em 1998.

Conheça o comportamento do índice



TRADUZINDO O ECONOMÉS

O QUE É O RISCO-BRASIL?

É um indicador da confiança do investidor estrangeiro na capacidade de o Brasil honrar seus pagamentos. Seu valor é calculado pelo banco americano JP Morgan com base na cotação de uma cesta de títulos da dívida externa brasileira. Quanto mais baixo o risco, maior a confiança dos investidores e maior o acesso do Brasil e das empresas brasileiras ao mercado externo. Um risco de 394 pontos significa que o governo brasileiro tem que pagar aos detentores dos títulos da dívida externa do país 3,94 pontos percentuais acima da taxa paga pelo Tesouro dos EUA. Um risco mais baixo facilita a obtenção de crédito no exterior e a entrada destes recursos no mercado de câmbio local ajuda a empurrar a cotação do dólar para baixo.

O QUE É O C-BOND?

É um dos principais títulos da dívida do Brasil negociados no exterior. Foi lançado em 1994, como parte da operação de reestruturação da dívida brasileira, que substituiu débitos antigos por novos títulos, no que foi chamado Plano Brady, orquestrado pelo então secretário do Tesouro americano, Nicholas Brady, prioritariamente de países latino-americanos. Por isso, esses e outros papéis que foram lançados na época são conhecidos até hoje como *bradies*.

baixos níveis históricos. Ele lembra que, quando o país atingiu o menor índice, em 1997, vinha de um período de crescimento a taxas de 3,5% ao ano, com a inflação nos seus mais baixos níveis históricos, mas com um pesado déficit em conta corrente e números fiscais mais fracos.

Apesar da queda do risco, o Brasil continua sendo uma economia altamente rentável para os investidores estrangeiros. Para se ter uma idéia, enquanto um título americano de dez anos — referência do mercado internacional — rende 4,2% ao ano, um título brasileiro de prazo similar paga quase o dobro: 7,48% ao ano.

Por isso, ontem, o C-Bond, um dos títulos mais negociados da dívida externa brasileira, chegou ao ser vendido pelo recorde histórico de 101,8% do valor de face, para recuar, no fim do dia, para 101,6% do valor, estável em relação à véspera.

Para Emy Shayo, economista do banco americano Bear Stearns, a economia brasileira está mais bem preparada para amortecer choques externos. Para ela, hoje o maior risco vem de fora: está na trajetória de aumento dos juros nos EUA ou no fortalecimento do dólar no mercado internacional.

— O cenário externo será determinante para a continuidade da recuperação dos indicadores de risco. Num cenário de alta de juros nos EUA, seria natural a migração dos investidores para títulos do Tesouro americano, considerados mais seguros. Por isso, o Brasil precisa continuar a fazer a lição, aprovando reformas micro e macroeconômicas — avalia Emy. ■

— Para pagar dívidas é preciso gerar dólares, o que se consegue com um forte saldo exportador. Esse foi o caso da Rússia (por causa do petróleo), que conseguiu reduzir o endividamento público — justifica Bassoli.

Felipe Brandão, diretor-executivo de mercados emergentes da corretora López León — uma das mais atuantes no país na negociação da dívida brasileira — acredita numa queda ainda maior do risco-Brasil:

— Não vejo por que a taxa não possa cair para perto dos 300 pontos ou mesmo abaixo deste patamar. Não existem níveis ideais para risco.

O analista Javier Romo, do banco Morgan Stanley, vê trajetória similar para o indicador. Na semana passada, ele escreveu um relatório especial sobre a economia brasileira. Nele, Romo faz grandes elogios à economia local e prevê que o risco vai em direção aos mais